

La Comédiathèque

de
verdade



Jean-Pierre Martinez



e de
brincadeira

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

De verdade e de brincadeira

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Se às vezes é difícil distinguir a verdade da mentira, podemos aproveitar para misturá-las com uma pitada de malícia. De brincadeira.

1 – A festa dos mortos.....	3
2 – A armadilha.....	11
3 – Uma ratoeira.....	13
4 – O gato e o rato.....	15
5 – O ouro e a prata.....	16
6 – Desaparecimento.....	18
7 – Evasão.....	20
8 – Que tal?.....	22
9 – Autenticação.....	25
10 – Patetas.....	29
11 – O mapa.....	31
12 – As primaveras.....	34

© La Comédiathèque

1 – A festa dos mortos

Uma campa, com um retrato do falecido e uma placa que diz "Em memória de Jacky". No chão, um jornal velho. Duas personagens chegam uma após a outra, cada uma com um vaso de flores, que colocam desajeitadamente em frente à campa. Parecem não se conhecer e estão visivelmente desconfortáveis. Silêncio.

Um – Os meus pêsames.

Dois – Obrigado...

Um – Você é da família, suponho...

Dois – Eh... não, não exatamente. E você?

Um – Eu também não.

Olham em volta para verificar se estão sozinhos.

Dois – Talvez tenhamos chegado cedo.

Um – Sim...

Dois – Ou tarde.

Um – É surpreendente que haja tão poucas pessoas.

Dois – No entanto... era alguém muito apreciado.

Um – Sim.

Dois – Conhecia-o? Quero dizer... conhecia-o bem?

Um – Não muito, para ser sincero... E você?

Dois – Eu também não. Na verdade, confesso que não sei muito bem o que estou a fazer aqui.

Um – É o que costumamos pensar quando vamos a um funeral, não é?

Dois – Sim... Vamos por obrigação e depois... acabamos por nos perguntar o que estamos a fazer aqui.

Um – E pensar que jurei a mim mesmo que não iria a mais nenhum funeral.

Dois – Sim, eu também... Exceto ao meu, claro.

Um – Fizemos bem em vir... caso contrário, não haveria ninguém.

Um momento de pausa.

Dois – É muito triste...

Um – Não é idade para morrer, isso é certo.

Dois – Qual era a idade dele exatamente?

Um – Exatamente... não sei. Mas não era tão velho, pois não? Pelo menos pela foto...

Dois – Talvez seja uma foto antiga.

Um – Pode ser... Reparou? Quando colocam uma foto numa campa, geralmente escolhem uma do falecido quando era jovem e saudável.

Dois – É verdade. Uma foto dele antes da doença ou... do acidente.

Um – Ou... da decadência.

Um momento de pausa.

Dois – Aliás, de que morreu exatamente?

Um – Ah, não sei...

Dois – O que sabemos é que está morto.

Um – Isso é o único que sabemos com certeza.

Silêncio.

Dois – As suas flores são muito bonitas.

Um – As suas também.

Dois – São iguais, não são?

Um – Devem ser do mesmo sítio.

Dois – Sim...

Um – Eu encontrei-as numa campa, não muito longe daqui. Não pensei em comprar flores, então... apanhei-as ao passar.

Dois – Ah, entendo...

Um – E você?

Dois – O mesmo. Não tinha dinheiro... Apanhei-as de uma campa, um pouco mais além.

Um – As flores estão tão caras hoje em dia.

Dois – Além disso, o dono original não vai queixar-se à polícia.

O olhar do outro pousa no jornal no chão.

Um – Não sei o que este jornal está a fazer aqui... Podiam tê-lo apanhado...

Levanta o jornal e olha para a capa.

Dois – Este cemitério não está muito bem cuidado. Não sei se há um vigilante. Qualquer um pode roubar flores da campa de um desconhecido.

Um – Que curioso, aqui está a sua foto na primeira página...

Dois – A foto dele?

Um – Falam da sua morte...

Dois – E então? Como morreu?

O outro lê o artigo.

Um – Um acidente de carro, ao que parece.

Dois – Ah, sim...?

Um – Tinha três gramas de álcool no sangue, ia demasiado rápido, atravessou uma linha contínua e colidiu de frente com o carro que vinha em sentido contrário.

Dois – Nossa, que tragédia.

Um – O carro que vinha logo atrás também não teve tempo de travar.

Dois – Várias vítimas, então...

Um – Com ele, foram três ao todo.

Dois – Tudo por culpa de um condutor imprudente...

Um – Se eu soubesse... não tenho a certeza de que teria vindo.

Dois – Não, eu também...

Um – Mas, tínhamos outra escolha?

Olham-se com uma expressão enigmática. Novo silêncio. Surge uma terceira personagem.

Dois – Ah... aí vem mais alguém.

Um – A família, provavelmente.

O terceiro personagem aproxima-se. É o mesmo cujo retrato está na camp.

Dois – Deve ser o irmão dele, parecem-se um pouco.

Três – Olá... Obrigado por estarem aqui...

Dois – Não, não... É o mínimo.

Guardam um momento de silêncio.

Três – Espero que não me guardem rancor...

Os outros dois trocam um olhar desconcertado.

Um – Por que havíamos de guardar-lhe rancor? Não foi você quem o matou, pois não?

Três – Não, claro que não... Embora, de certa forma...

Um – Ah, sim...?

Três – De qualquer modo, obrigado pelas flores.

Dois – Não tem de quê, de verdade...

Um – É o mínimo que podíamos fazer... *(Pausa)* Você é... Quero dizer, era...

Dois – Conhecia-o bem...?

A terceira personagem parece um pouco surpreendida.

Três – Sim, pode-se dizer que sim.

Dois – É uma pena ir-se tão jovem...

Três – Sim...

Um – Sem mencionar as outras duas vítimas que não tinham nada a ver com isso.

Dois – O álcool ao volante, que praga... Nunca se dirá o suficiente...

Desconfortáveis.

Três – Bem, agora não podemos fazer nada a respeito, por isso, para quê lamentar-nos?
(Pausa) Servem-se de algo?

Um – Desculpe?

Três – Uma bebida? Um copo...?

Um momento de surpresa.

Dois – Bem, um copo. Afinal, vai animar-nos um pouco...

Três – E além disso, agora, o que arriscamos?

A terceira personagem afasta-se.

Um – Por que não...? É costume beber à saúde do falecido, não é?

Dois – Quer dizer, à memória dele, claro. Porque beber à saúde de um morto...

Um – Sim, claro...

Dois – E além disso, geralmente não se brinda diretamente sobre a campa, pois não?

Um – Acho que no México fazem isso, no Dia dos Mortos.

Dois – É verdade... mas não estamos no México.

Um – E também não é o Dia dos Mortos.

Dois – Tem a certeza?

Um – De quê?

Dois – De que não é o Dia dos Mortos.

Um – Não sei...

Dois – Em qualquer caso, não estamos no México... Ou estamos?

Silêncio. A terceira personagem regressa com três copos de champanhe numa bandeja, que oferece com um grande sorriso. Na outra mão, segura uma garrafa de champanhe que coloca sobre a campa.

Três – Força, por favor...

Cada um pega num copo.

Dois – Obrigado.

Todos parecem um pouco desconfortáveis.

Um – Bem, então... à memória de... (*Olhando para a placa*) Jacky.

Três – Isso mesmo.

Erguem os copos e esvaziam-nos.

Dois – Está bem fresco.

Um – Sim, é bom.

O segundo pega na garrafa e olha para o rótulo, intrigado.

Dois – Veuve Clicquot...?

Três – Aqui, as viúvas já não existem... No cemitério, todos os casais acabam por se encontrar, mais cedo ou mais tarde.

Um – Claro...

Um momento de desconcerto. Voltam a beber.

Três – Seria ainda melhor com uns canapés, não acham?

Dois – Não se incomode, ficamos de pé.

A terceira personagem mostra um largo sorriso.

Três – Ah, sim, não, referia-me aos petiscos...

Dois – Sim, percebi... Estava a brincar...

Três – Vou buscá-los...

A terceira personagem sai novamente, levando a bandeja.

Um – Petiscos... É uma loucura, não é?

Dois – Sim...

Um – O que queria dizer com aquilo da viúva?

Dois – Não sei...

Um – De qualquer forma, este funeral não está assim tão mau, pois não?

Dois – Sim, parece mais um churrasco entre amigos.

Um – Exceto que ninguém se conhece.

Dois – Não percebi bem quem ele era... Quero dizer, em relação ao falecido.

Novo silêncio. Olham para a campa e o retrato.

Um – Parecem-se um pouco, não é?

Dois – Diria que se parecem muito...

Um – Acha que é ele?

Dois – Como poderia ser ele? Está morto...

Um – Não sei.

A terceira personagem regressa com os canapés numa bandeja.

Três – Aqui estão! Por favor, sirvam-se...

Um – Obrigado.

Servem-se um após o outro.

Dois – Acho que vou provar este.

Um – Sim, são muito bons.

Dois – E além disso, são originais estes petiscos, em forma de...

Um – Em forma de caixões.

Três – Pensei que, para esta ocasião...

Dois – Sim...

Mastigam os petiscos.

Um – Isto dá sede...

Três – Vou buscar a companheira...

Dois – A companheira?

Três – Outra garrafa!

Um – Ah, claro...

A terceira personagem afasta-se novamente. Os outros olham para o retrato.

Dois – É ele, não é?

Um – Parece que sim.

Dois – Então, não estaria morto?

Um momento de pausa.

Um – Ou então, é que nós também estamos mortos.

Dois – Sim...

Olham-se desconfortáveis.

Um – Desculpe, um momento... (*Afasta-se e volta*) Isto é uma loucura...

Dois – O que se passa?

Um – Está ali a minha também...

Dois – A sua?

Um – A minha campa.

Dois – Tem a certeza?

Um – O meu nome está gravado na lápide.

Dois – Ah, claro...

Um – E também o meu retrato. Quando era jovem...

Dois – Qual é?

O outro aponta para uma campa com o dedo.

Um – É a campa de onde apanhei este vaso de flores. Não me tinha apercebido...

Silêncio.

Dois – Nesse caso... seguramente estará a minha também.

Um – É possível... (*Pausa*) Então, isto não é... uma despedida.

Dois – Mais será uma receção de boas-vindas.

Um – Para não dizer uma inauguração.

Silêncio.

Dois – Você lembra-se...?

Um – Do quê?

Dois – Bem... De como morremos...

Um – Não tenho a certeza, mas...

Pega no jornal e olha novamente.

Dois – O que se passa?

Um – Há uma foto do acidente.

Dois – E então?

Um – Os carros são um monte de sucata mas... pergunto-me se não reconheço o meu Twingo vermelho ali...

Dois – Deixe-me ver... (*Pega no jornal e olha*) Ah, sim... eu não teria reconhecido o meu, mas... é a minha matrícula.

Um – Então nos carros da frente éramos nós...

Dois – Pelo que parece...

Um momento de pausa.

Um – E espera que lhe perdoemos com o seu champanhe...

Dois – E os seus aperitivos em forma de caixões.

Um – Que lata...

Dois – Vou matá-lo.

Um – Já está morto.

Dois – E nós também...

A terceira personagem regressa, com um grande sorriso e outra garrafa de champanhe na mão.

Três – Sirvo-lhes mais um pouco?

Os outros dois lançam-lhe um olhar assassino.

Negro.

2 – A armadilha

Duas personagens confrontam-se.

Um – Então, está decidido? Queres livrar-te dela?

Dois – Não vejo outra solução. Tentei de tudo, asseguro-te.

Um – Estamos a falar de matar, não é? Não há volta atrás. É definitivo.

Dois – Eu sei.

Um – Consegues viver com isso na consciência para o resto da tua vida?

Dois – Assumo a responsabilidade, mas não sou capaz de o fazer. Estarias disposto a tratar disso por mim?

Um – Não será de graça, obviamente.

Dois – Obviamente.

Um – Quando não queres sujar as mãos, há um preço a pagar.

Dois – Quanto?

Um – Faço-te um preço de amigo, não te preocupes.

Dois – OK. E como pensas fazê-lo?

Um – Tens a certeza de que queres saber?

Dois – Preferia que ela não sofresse.

Um – Vou-lhe montar uma armadilha.

Dois – Bem... Se achas que é o mais eficaz...

Um – Em que estavas a pensar? Uma arma de fogo?

Dois – Não sei...

Um – Eu também tenho os meus princípios. Com uma arma, seria realmente um crime. A armadilha é uma espécie de compromisso entre o acidente e o assassinato. Entre o suicídio involuntário e o homicídio fortuito.

Dois – Mas a armadilha implica uma intenção de matar...

Um – Sim, mas também requer a colaboração da vítima. Se não é a sua aprovação tácita, pelo menos a sua participação fortuita.

Dois – A sério?

Um – Quando disparas a alguém com um revólver, não lhe dás nenhuma hipótese. Com uma armadilha, a vítima tem sempre a possibilidade de a evitar. O assassino faz metade do caminho, e a vítima faz a outra metade.

Dois – Sem saber.

Um – Pelo menos de forma inconsciente.

Dois – Bem... E qual é a tua armadilha, exatamente?

O outro tira do bolso uma ratoeira e mostra-lha.

Um – Isto.

Dois – Uma ratoeira?

Um – Maior, obviamente.

Dois – E vais construí-la tu?

Um – Também não é uma tecnologia muito sofisticada, desde que respeites as proporções.

Dois – Bem...

Um – Obviamente, haverá alguns custos adicionais...

Dois – E como pensas atraí-la? Não será com queijo, suponho...

Um – Depende... Que tipo de ratinha é?

Dois – Do tipo ratinha de luxo, mais ou menos.

Um – Nesse caso, haverá também um pequeno suplemento para a isca.

Dois – Bem... Desde que trates de te livrar dela.

Negro.

3 – Uma ratoeira

Duas personagens, que parecem vagabundos mas que poderiam estar a usar máscaras de ratos, olham fixamente para a frente.

Um – Estás a ver aquele queijo ali?

Dois – Não vejo outra coisa há um bom bocado.

Silêncio.

Um – Porque é que ainda não nos atirámos sobre ele?

Dois – Não sei. Desconfio.

Um – Eu também.

Dois – Parece bom demais para ser verdade.

Um – Esse queijo está um pouco fresco demais.

Dois – Parece que acabou de sair do frigorífico.

Um – Não se parece nada com os bocados de queijo que encontramos no chão ou nos caixotes do lixo.

Dois – Nos caixotes, só há crostas.

Silêncio.

Um – E além disso, o que é aquilo?

Dois – O que é aquilo?

Um – Aquele pedaço de queijo, está pousado numa tábua.

Dois – Ah, sim... Estava tão fascinado pelo queijo que não tinha visto a tábua.

Um – Uma pequena tábua, com uma barra de metal amarela.

Dois – Amarela como ouro.

Um – Sim.

Dois – Brilha, é bonita.

Um – O que poderá ser?

Dois – Uma bandeja para queijo?

Um – Normalmente temos que nos contentar com as migalhas debaixo da mesa, e agora põem-no numa bandeja.

Dois – O que é que estamos à espera para ir?

Um – Ao mesmo tempo, esse pedaço de queijo não é muito grande. Não dá para dois.

Dois – Pois...

Um – Vá, deixo-te para ti.

Dois – Não sei... E se for uma armadilha?

Um – Não vamos deixá-lo aí, seria uma pena.

Dois – Acho que vou deixar-me tentar.

Um – Afinal de contas... só se vive uma vez.

Dois – Vou...

Negro.

Som seco da armadilha a disparar.

Luz.

Só resta em cena a segunda personagem.

Um – Sim, só se vive uma vez... E às vezes, nem por muito tempo. Bem... agora vou poder ficar com aquele pedaço de queijo...

Negro.

4 – O gato e o rato

Duas personagens.

Um – Lembras-te? Eu disse-te que tinha um rato em casa.

Dois – Sim.

Um – Aconselhaste-me a arranjar um gato para me livrar dele.

Dois – E então?

Um – Funcionou. Já não tenho rato.

Dois – Ótimo.

Um – Sim. (*Silêncio*) Mas, como é que me livro agora do gato?

Negro.

5 – O ouro e a prata

Duas personagens, visivelmente desocupadas.

Um – De que é que estávamos a falar, mesmo?

Dois – De nada...

Um – Ah, sim... (*Novo silêncio*) Bom, e tu, como vais?

Dois – Bem... E tu? Pareces preocupado...

Um – Não, não, é só que...

Dois – O quê?

Um – Já não sei o que fazer com a minha prata.

Dois – Tens assim tanto?

Um – Não sei...

Dois – Em todo o caso, és rico.

Um – A partir de quanto é que se é rico?

Dois – A partir do momento em que já não sabes o que fazer com a tua prata, imagino eu.

Um – Então, parece que sou rico.

Dois – A sério que não precisas de mais nada?

Um – Já tenho tudo o que preciso. Estou a salvo da necessidade, como dizem.

Dois – E já não há nada que te faça sonhar?

Um – Infelizmente, com a idade, tem-se cada vez mais dinheiro e cada vez menos desejos.

Dois – Compra algo bonito para ti.

Um – Algo bonito?

Dois – Obras de arte. Além disso, são dedutíveis.

Um – Por exemplo?

Dois – Quadros, são o que ocupa menos espaço...

Um – Os quadros são frágeis, não são?

Dois – Claro. Então compra esculturas, nesse caso. O mármore não envelhece.

Um – Pergunto-me se não vou comprar antes lingotes.

Dois – Lingotes?

Um – Lingotes de ouro.

Dois – Então, com a tua prata, vais comprar ouro.

Um – É mais sólido do que os quadros, não é? Ou até do que o mármore. O ouro é indestrutível.

Dois – Sim, mas os quadros ou as esculturas, podes olhar para eles.

Um – Os lingotes também podes olhar para eles.

Dois – A sério?

Um – Nunca vi lingotes de ouro na realidade. Se os tivesse, de certeza que ia gostar de olhar para eles.

Dois – Sim...

Um – Se tu tivesses lingotes, não gostarias de olhar para eles?

Dois – Sim, provavelmente...

Um – Sim... Lingotes, porque não...?

Dois – Bom... podias dar um pouco do teu dinheiro.

Um – Dar? A quem?

Dois – Não sei... Aos que têm menos do que tu.

Um momento de pausa.

Um – Tu tens menos dinheiro do que eu?

Dois – Não sei.

Um – Acho que vou comprar lingotes.

Dois – Está bem.

Um – Se quiseres, podes olhar para eles comigo.

Dois – Obrigado.

Negro.

6 – Desaparecimento

Um personagem entra. Olha à sua volta, um pouco perdido. Depois, começa a chorar. Outro personagem aparece.

Um – Mas o que se passa? O que aconteceu?

Dois – Perdi a minha mulher...

Um – Lamento muito. Os meus sinceros pêsames.

O outro deixa de chorar de imediato.

Dois – Não, mas ela não está morta.

Um – Ah, não...?

Dois – É só que... estava a experimentar uns sapatos, ela estava ao meu lado e... no momento seguinte, tinha desaparecido.

Um – Ok, então... perdeu a sua mulher.

Dois – Sim, foi o que eu disse.

Um – Mas ela está viva.

Dois – Sim, bem, acho que sim...

Um – Motivo suficiente para não chorar.

Dois – Sim, mas... ela estava ao meu lado e... no instante seguinte, tinha desaparecido.

Um – Não se evaporou no ar! As pessoas não desaparecem assim, de repente.

Dois – Já lhe disse! Ela estava ao meu lado e...

Um – No momento seguinte, tinha desaparecido... Sim, já percebi.

O outro olha à sua volta, completamente desconcertado.

Dois – Desaparecida... Ela desapareceu...

Um – Vamos encontrá-la, não se preocupe... Quer que o acompanhe até à receção? Com certeza aceitam passar uma mensagem.

Dois – Que tipo de mensagem?

Um – Como é que se chama?

Dois – António.

Um – Algo como... o pequeno António espera a sua mulher na receção.

Dois – Ou talvez, tenha decidido deixar-me.

Um – Há quanto tempo estão casados?

Dois – Trinta anos.

Um – E depois de trinta anos, de repente, assim, decide deixá-lo? No meio de um supermercado, abandona-o ali e vai-se embora com o carrinho.

Dois – Meu Deus, o carrinho, é verdade! Também desapareceu...!

Um – Estava vazio ou cheio?

Dois – Vazio, acho eu.

Um – Nesse caso, provavelmente não foi muito longe... Quais foram as últimas palavras que a sua mulher lhe disse?

Dois – Deixe-me pensar... Ah, sim, já me lembro. Disse-me exatamente: vemo-nos na secção dos congelados.

Um – Nesse caso, deveria considerar outra possibilidade.

Dois – Qual?

Um – Que ela esteja à sua espera na secção dos congelados.

Dois – Acha que sim?

Um – Não vejo uma mulher a deixar o marido depois de trinta anos de casamento e dizer-lhe como despedida: vemo-nos na secção dos congelados. Sem ter a intenção de ir para lá...

Dois – Tem razão, vou lá ver. Obrigado! Obrigado, de verdade...!

Prepara-se para sair. Ouve-se então uma mensagem em off.

Voz off – A pequena Juanita espera o seu marido na secção de bricolagem.

Dois – Acha que pode ser ela?

Um – Como é que se chama a sua mulher?

Dois – Juanita.

Um – Deveria ir ver...

O outro vai-se embora, mas volta de imediato.

Dois – Onde é que fica a secção de bricolage?

Um – Eu acompanho-o...

Negro.

7 – Evasão

Dois personagens numa cela de prisão.

Um – Há quanto tempo estás na prisão?

Dois – Vai fazer dez anos no dia 25 de dezembro.

Um – A 25 de dezembro? Mataste o Pai Natal para lhe roubares o saco?

Dois – Quase... Matei o meu pai para que ele parasse de me bater...

Um – E deram-te prisão perpétua por isso?

Dois – Os juízes também têm filhos. Têm medo que os miúdos matem o pai por razões tão fúteis.

Um – O que te condenou também devia bater nos filhos. Ou pior...

Dois – Devia ter feito isso dois anos antes. Ainda era menor de idade, a sentença teria sido mais leve.

Um – Pensar demais nunca é bom.

Dois – E tu?

Um – Eu? Não sei...

Dois – Não sabes porque estás aqui ou não sabes desde quando?

Um – Prefiro esquecer o motivo. E quanto ao desde quando... Depois de vinte anos, deixei de contar.

Dois – Começo a perguntar-me se algum dia nos vão deixar sair.

Um – Não tenho a certeza se quero sair já.

Dois – Porque é que dizes isso?

Um – Depois de tantos anos fechado... Lá fora, já não vamos reconhecer nada. Nem ninguém.

Dois – E ninguém nos vai reconhecer.

Um – O último café que bebi num bar, paguei em escudos, imagina só.

Dois – É como se estivéssemos mortos todo este tempo. Enterrados vivos. Um dia, vão devolver-nos à vida de repente. Vai ser como um segundo nascimento.

Um – Mas em vez de sermos recém-nascidos, com pais que cuidem de nós, vamos ser velhos, sem ninguém para nos dar a mão.

Dois – Como peixes que voltam ao mar e já não sabem nadar. Porque passaram demasiado tempo fora de água.

Um – Que disparate o que estás a dizer... De qualquer forma, fora de água, os peixes sufocam e morrem.

Dois – Sim... Sinto-me como um peixe fora de água.

Um – Acabámos na prisão porque não estávamos adaptados à vida em sociedade. Achas que depois de trinta anos na prisão vamos estar mais adaptados do que antes?

Dois – Simplesmente não tomámos as decisões certas. O que querias ser quando eras criança?

Um – Quando brincávamos aos polícias e ladrões, eu queria sempre ser polícia. Não sei onde é que me enganei. E tu?

Dois – Eu queria ser astrofísico. Mas era demasiado burro.

Um – O que é isso de astrofísico?

Dois – As estrelas, os planetas, essas coisas.

Um – Ah, claro... A astrologia, não é? De que signo és tu?

Dois – Peixes.

Um – Ah, já percebo...

Dois – O que achas? Achas que estamos sozinhos no universo?

Um – De qualquer forma, estamos sozinhos no mundo. Por isso, que importa se há marcianos ou não?

Dois – Deram-nos prisão perpétua. Uma invasão extraterrestre é a única coisa que nos podia salvar, não achas?

Um – Sim.

Dois – Na Revolução Francesa, tomaram a Bastilha e libertaram os prisioneiros.

Um – Então esse é o teu plano de evasão?

Dois – Tens outro?

Um – Tens razão, os marcianos são a única esperança que nos resta.

Dois – Infelizmente, ainda não encontrei maneira de contactar com eles.

Um momento de pausa.

Um – E supondo que existam marcianos, e que consigas enviar-lhes uma mensagem. O que lhes dirias para os convencer a vir libertar-nos?

Dois – Não sei... Tens alguma ideia?

Um – Depende... Segundo tu, os extraterrestres estão do lado dos polícias ou dos ladrões?

Negro.

8 – Que tal?

Duas personagens estão presentes, a segunda parece perdida nos seus pensamentos.

Um – Que tal?

Dois – Bem.

Um – Não parece que estejas bem.

Dois – Sim, sim, estou bem... É só que...

Um – O que se passa?

Dois – Vais pensar que estou louco...

Um – Diz-me.

Dois – Conheces aquela expressão: só falta falar?

Um – Sim.

Dois – Pois esta manhã, o meu cão falou comigo.

Um – E o que é que ele te disse?

O outro olha para ele surpreendido.

Dois – O que é que ele me disse?

Um – Sim.

Dois – Estou a dizer-te que o meu cão falou, e tu perguntas-me o que é que ele disse?

Um – Pois sim.

Dois – Eh... A novidade é que eu tenho um cão que fala, não o que ele disse, não achas?

Um – Então, o que é que querias que eu dissesse?

Dois – Não sei, podias ter dito... não me digas disparates, um cão não fala.

Um – Desculpa.

Dois – Acreditas em qualquer coisa, não é?

Um – Então, não é verdade.

Dois – É! É absolutamente verdade!

Um – Bom... Então repito a minha pergunta: o que é que ele disse? Gostava de saber o que é que os cães têm para nos dizer.

Dois – Também não foi uma declaração oficial, sabes? Foi só uma... conversa banal entre mim e o meu cão.

Um – Uma conversa banal? Sobre o quê?

Dois – Bem... eu estava a dizer-lhe que...

Um – Porque é que falas com o teu cão?

Dois – Claro! Toda a gente fala com o seu cão. Tu não falas com o teu?

Um – Não tenho cão. Às vezes falo sozinho, como toda a gente, mas... Então, estavas a falar com o teu cão. E o que lhe estavas a dizer, exatamente?

Dois – Eu estava a dizer-lhe... não me lembro das palavras exatas, mas... era sobre a comida dele.

Um – A comida dele?

Dois – Sim, estava a dar-lhe a comida, como todos os dias, e a certa altura devo ter dito algo como... está boa a comidinha do cãozinho?

Um – Está boa a comidinha do cãozinho?

Dois – Sim...

Um – E então?

Dois – Então ele respondeu-me... "mais ou menos".

Um – "Mais ou menos"?

Dois – "Mais ou menos". Acho que queria dizer, mais ou menos, não está assim tão mal.

Um – E depois?

Dois – Depois... comeu a comida dele.

Um – Isso é tudo o que ele disse?

Dois – Não chega?

Um – De qualquer forma, não é um cão com muita conversa, pois não?

Dois – Não, não muita.

Um – Tens a certeza que ouviste bem?

Dois – Garanto-te que ele disse "mais ou menos".

Um – E desde então não disse mais nada?

Dois – Nada.

Um – Por outro lado... se disse "mais ou menos"...

Dois – Sim.

Um – Talvez devesses tentar fazer-lhe uma pergunta menos tola, para ver o que acontece.

Dois – Como o quê?

Um – Não sei...

Dois – Podia dizer-lhe... está bom o tempo hoje, não está?

Um – Disse uma pergunta menos tola...

Dois – Não lhe vou perguntar o que acha das eleições americanas! Afinal de contas, é só um cão.

Um – Pergunto-me se o melhor seria simplesmente deixar de falar com ele.

Dois – Sim, talvez. Mas vou sentir falta de falar com o meu cão. Até agora, falava-lhe, ele não respondia. Assim estava tudo bem.

Um – O interlocutor ideal, não é?

Dois – E além disso, devo admitir que tenho um pouco de medo.

Um – Medo? De quê?

Dois – Do que ele possa vir a dizer-me.

Um – Como assim?

Dois – É um cão! Talvez os cães saibam coisas que nós não sabemos.

Um – Coisas? Como o quê, por exemplo?

Dois – Não sei! Se soubesse, não teria tanto medo...

Um – Bom... sim. Talvez devesse deixar de falar com ele.

Dois – Sim... mas ele vai pensar que estou zangado com ele. A sério, já não sei como lidar com esta situação com este cão. Talvez devesse livrar-me dele.

Um – Livrar-te dele? Queres dizer...

Dois – Tens razão, não posso fazer isso. Abandonar um cão numa área de serviço já é uma má ação, mas um cão que fala...

Um – Pois...

Dois – Enfim, fez-me bem falar contigo sobre isto.

Um – Ainda bem...

Dois – Vemo-nos por aí.

Um – Claro.

Vai-se embora. O outro fica um instante pensativo, antes de se dirigir ao público.

Um – Au! Au, au! Au, au, au!

Negro.

9 – Autenticação

Uma personagem está sentada a uma secretária. Outra personagem chega.

Um – Bom dia, venho para autenticar uma assinatura.

Dois – Sim...

Um – É uma procuração para a venda da nossa casa de campo.

Dois – Muito bem.

Um – Já quase não íamos lá de qualquer maneira e... Enfim, não lhe vou contar a minha vida.

Dois – Não.

Um – Não vou poder estar presente para a assinatura do contrato preliminar porque... Bem, tenho que fazer uma procuração, e o notário disse-me que a assinatura tinha de ser autenticada na câmara municipal.

Dois – De acordo...

Um – Aqui está o documento e o meu bilhete de identidade.

O outro olha para o bilhete de identidade.

Dois – Senhor Ramírez.

Um – Exatamente.

Dois – Muito bem... (*Dá uma vista de olhos também à procuração*) Pedro Ramires.

Um – Sim, como pode ver, é o mesmo nome.

Dois – De facto...

Um – Então assino?

Dois – Como quiser.

Um – Olhe bem, hein? Porque não tenho cópia. Não me venha depois dizer: lamento, estava a olhar para o lado, pode fazê-lo outra vez?

Dois – Estou a olhar.

O outro assina o documento.

Um – E agora assino em cada página... e pronto.

Dois – Perfeito... Posso fazer mais alguma coisa por si, senhor... Ramires?

Um – Bem... sim, parece-me que sim!

Dois – E o que seria?

Um – O carimbo! Também tem que assinar. E pôr o carimbo da câmara municipal.

Dois – Claro! Onde é que tenho a cabeça? Ora, onde é que deixei o carimbo da câmara...?

Um – Está aí, mesmo ao seu lado.

Dois – Ah, sim, é verdade... Então, a almofada... (*Entinta o carimbo*) E pronto... Espero que tenha posto tinta suficiente... Sabe como é com os carimbos. Ou não se põe tinta suficiente e fica ilegível, ou se põe demasiada e borra tudo. O que prefere?

Um – O que prefiro?

Dois – Prefere que fique ilegível ou que borre?

Um – Se realmente tiver que escolher... prefiro que borre um pouco.

Dois – Vou fazer o melhor que puder... (*Entinta novamente o carimbo e prepara-se para carimbar o documento com ar concentrado, mas no último momento interrompe o gesto*) Mas espere um momento...

Um – O que se passa?

Dois – Afinal de contas... o que é que me prova que realmente é você?

Um – Como?

Dois – Estou aqui para autenticar esta assinatura, não é assim?

Um – Sim.

Dois – O que me garante que a pessoa à minha frente é realmente a mencionada nesta procuração?

Um – Acabei de lhe dar o meu bilhete de identidade...

Dois – Claro... Tem razão...

Um – Muito bem.

O outro prepara-se para carimbar.

Dois – Espere um momento...

Um – O que se passa agora?

Dois – O que me garante que a pessoa à minha frente é realmente a mencionada neste bilhete de identidade?

Um – Pois... porque fui eu que lho dei.

Dois – Poderia tê-lo roubado.

Um – Porque a assinatura que acabei de pôr nesta procuração é a mesma que está no meu bilhete de identidade.

Dois – Poderia ter falsificado essa assinatura. Além disso, entre nós, não parece muito difícil de imitar.

O outro começa a duvidar.

Um – Tem razão... Na verdade, isso não prova nada...

Dois – Não, claro que não.

Um – Mas então... o que posso fazer para lhe provar que... sou realmente Pedro Ramires?

Dois – Nem isso o provaria.

Um – Como assim?

Dois – Poderia ser um homónimo.

Um – Um homónimo?

Dois – Admita, Pedro Ramires... não deve haver só um. Infelizmente...

Um – Claro...

Dois – Como saber se é o correto?

Um – Eu próprio estou a começar a duvidar de mim...

Dois – Então, como resolvemos isto?

Um – Impressões digitais?

Dois – Pode acontecer que duas pessoas tenham exatamente as mesmas impressões digitais.

Um – A sério?

Dois – É raro, mas é possível.

Um – Qual é a probabilidade disso?

Dois – Uma em 64 mil milhões.

Um – Não somos 64 mil milhões neste planeta.

Dois – Neste planeta, não, mas se houver outros seres humanos noutros planetas.

Um – Entendo... Então, para a minha procuração, nada a fazer...?

Dois – Sabe que mais?

Um – O quê?

Dois – Você é simpático.

Um – A sério?

Dois – Sim... Tem cara de boa pessoa.

Um – E então?

Dois – Vou dar-lhe o benefício da dúvida. (*Carimba o documento, assina e entrega-o ao outro*) Aqui tem, senhor Ramires!

Um – Obrigado pela sua confiança! Não sei como lhe agradecer.

Pega no documento e dá uma olhada.

Dois – Algum problema?

Um – Eh... tem a certeza que este é o carimbo da câmara municipal?

Dois – Está a insinuar que eu poderia... não ser quem digo ser?

Um – Não, mas...

Dois – Agora é você quem duvida da minha identidade?

Um – Poderia ter-se enganado no carimbo.

Dois – No carimbo?

Um – Este não é o carimbo da câmara municipal.

Dois – Deixe-me ver... (*Pega no documento e dá uma olhada*) Tem razão, não é o carimbo da câmara.

Um – Tem a certeza que é funcionário da câmara municipal?

Dois – Certeza...? Não. Aliás... quase diria que estou mais seguro do contrário.

Um – Não é funcionário da câmara?

Dois – Não.

Um – Mas então... se eu não sou quem digo ser, e você também não, quem somos nós?

Dois – Ser ou não ser, eis a questão... Mas para responder, aconselho-o a ir ali em frente.

Um – Em frente? E porquê?

Dois – Porque é lá que fica a câmara municipal.

Um – E aqui, o que é então?

Dois – Aqui é uma escola de condução.

Um – Já percebo o que quer dizer...

Fica hesitante em sair.

Dois – Algum outro problema, senhor Ramires?

Um – Eu disse-lhe... (*Mostrando o documento*) Não tinha cópia...

Negro.

10 – Patetas

Um personagem está presente, outro chega.

Um – Então, já está? Conseguiram decifrar a mensagem deles?

Dois – Os nossos melhores especialistas estão a tratar disso. Não deve demorar muito. Pedi que me enviassem a transcrição diretamente para o meu telemóvel.

Um – E a nave espacial deles?

Dois – Já está em órbita à volta da Terra.

Um – Dá conta? É um momento único na história da Humanidade! Pela primeira vez, vamos entrar em contacto com uma civilização extraterrestre.

Dois – Sim. Estou ansioso por saber o que têm para nos dizer.

Um – Se conseguiram chegar até nós, é porque dominam técnicas que nós nem sequer conhecemos. Com certeza têm muitas coisas para nos ensinar.

Dois – E eles também estarão curiosos para nos conhecer.

Um – Mesmo que estejam mais avançados do que nós tecnologicamente, de certeza que podemos oferecer-lhes muitas coisas que eles não têm.

Dois – Claro. No domínio artístico, por exemplo.

Um – Sim. Ou... não sei, talvez... na política...

Dois – Política, acha?

Um – Não, política talvez não.

Dois – É verdade que não somos necessariamente um exemplo a seguir em todos os aspetos, mas... também não precisamos de lhes contar tudo de imediato.

Um – Tem razão, por enquanto, é melhor mostrar-lhes o nosso melhor lado.

O telemóvel do outro emite um som indicando que chegou uma mensagem. Ficam um momento paralisados. O segundo olha para o ecrã do seu telemóvel.

Dois – Já está, conseguimos decifrar a mensagem deles.

Um – Finalmente vamos saber.

Dois – O que faço?

Um – Pois leia!

O outro olha para o ecrã do seu telemóvel e parece muito surpreendido.

Dois – É bastante curta...

Um – É um primeiro contacto. Mas o que diz?

Dois (*lendo*) – Sem combustível. Solicitamos autorização para reabastecer hidrogénio no vosso planeta... para podermos continuar a nossa viagem.

Um – Sem combustível?

Dois – Enfim, ficaram a seco.

Um – Para poderem continuar a viagem... Em resumo, veem-nos como um posto de gasolina?

Dois – Parece que sim.

Um – E então... não têm intenção de aproveitar para nos conhecer melhor?

O outro verifica o ecrã do seu telemóvel.

Dois – Ao que parece... só querem reabastecer.

Consternação.

Um – Agora que conseguimos decifrar o código, podemos comunicar com eles, não é?

Dois – Sim, suponho que sim.

Um – Nesse caso... pergunte aos nossos visitantes do espaço qual é o objetivo exato da sua viagem.

O outro digita algo no telemóvel.

Dois – Enviado.

Silêncio. Olham-se ansiosos. Novo som anuncia a chegada de uma resposta. O segundo olha para o ecrã.

Um – Então? Qual é o objetivo desta missão de exploração? Se não é para nos conhecerem...

Dois (*lendo*) – Trata-se de averiguar se, além deles, existe no universo alguma forma de vida inteligente.

Um – Uma forma de vida inteligente?

Dois – Uma forma de vida inteligente...

Um – E nós, o que somos?

Dois – Receio que só haja uma resposta possível para essa pergunta.

Um – Imagino qual seja...

Dois – Consideram-nos uns patetas completos.

Olham-se consternados.

Negro.

11 – O mapa

Um personagem está lá, olhando com perplexidade para o mapa que tem na mão. Outro personagem chega. O primeiro interpela-o.

Um – Desculpe... É daqui?

Dois – Depende. De onde exatamente?

Um – Não, quero dizer... não sei se é desta zona.

Dois – Sim...?

Um – É que eu não sou daqui e... estou um pouco desorientado.

Dois – Desorientado...

Um – Um pouco perdido, se preferir.

Dois – Em que posso ajudá-lo?

Um – Bem... gostava de saber onde estou, simplesmente. Sabe onde estamos?

Dois – Sei.

Um – E pode dizer-me onde estou?

Dois – Claro... (*Olha à sua volta*) Bem, está, mais ou menos... entre aquela árvore ali e eu.

Um – Desculpe?

Dois – Ou, se preferir, está... mesmo debaixo do sol, já que é meio-dia, e como estamos na primavera, sobre estas flores que está a pisar.

Um – Sim, já vejo mas... o que eu quero saber é onde estou... neste mapa.

Dois – Ah, desculpe, claro. O seu mapa... Deixe-me ver...

O outro passa-lhe o mapa, um pouco desconfiado. O segundo examina-o atentamente.

Um – E então?

Dois – Não vejo nada... Não, não está neste mapa...

Um – Não?

O outro olha novamente para o mapa.

Dois – Não, asseguro-lhe. (*Mostrando-lhe o mapa*) Veja, não aparece nele. As flores também não, aliás. Se estivesse neste mapa, veríamos, não é?

Um – Mas não é possível. Não me podia ter afastado tanto. A ponto de não aparecer no mapa.

Dois – Às vezes atravessam-se os limites sem nos darmos conta.

Um – Então... onde é que posso estar?

Um momento.

Dois – Então, é alguém que ainda se está a procurar.

Um – Como disse?

Dois – Quando alguém se pergunta onde está, é porque se está a procurar, não acha?

Um – Muito obrigado pela sua ajuda. Acho que agora estou mais perdido do que antes de o encontrar.

Dois – Está perdido porque se procura num mapa, em vez de se procurar onde realmente se encontra.

Um – Ah, sim? E onde estou exatamente?

Dois – Está onde está, simplesmente. Aqui.

Um – O problema não é saber onde estou, mas sim saber em que direção devo seguir para encontrar o que procuro.

Dois – E o que procura?

Um – O meu carro.

Dois – Para ir para onde?

Um – Para voltar para casa.

Dois – Aconselho-o a acampar aqui.

Um – Acampar? Mas eu não tenho tenda! Além disso, tenho coisas para fazer...

Dois – Que coisas, por exemplo?

Um – Não sei... Tenho que ir trabalhar.

Dois – Trabalhar? Para quê? Para pagar o empréstimo do seu carro?

O outro parece um pouco abatido.

Um – Ou para comprar outro, se não conseguir encontrar o meu... Tem razão, no fim, talvez deva dormir aqui, ao relento.

Dois – As noites são amenas nesta época do ano...

Um – Então, você também está perdido?

Dois – Por assim dizer... Eu também estava. Como você. Vim perder-me aqui. Neste canto esquecido... No fim, encontrei-me a mim mesmo. E agora, sou daqui, como se costuma dizer.

Um – Sim, bem, eu preferia não criar raízes por aqui...

O outro olha-o com uma expressão perplexa.

Dois – O seu carro, é um Twingo vermelho?

Um – Sim.

Dois – Está mesmo atrás de si, no estacionamento do outro lado do caminho.

Um – A sério? Muito obrigado, salvou-me a vida!

Dois – Acha mesmo?

Um – Mas entre nós, podia ter-me dito antes...

Dois – Agora, pelo menos, sabe onde está... Tome, devolvo-lhe o seu mapa.

Negro.

12 – As primaveras

Uma personagem está presente, outra chega.

Um – Desculpe, sabe que dia é hoje?

Dois – Hoje, acho eu.

Um – Hoje?

Dois – Mesmo entre ontem e amanhã.

Um – Sim, mas... é dia 20, 21 ou 22? Não me lembro.

Dois – O 21... de quê?

Um – O 21 de março.

Dois – E isso importa?

Um – O que acontece é que, se hoje for dia 21, então é primavera. Mas se for dia 20, é amanhã. E se for dia 22, foi ontem.

Dois – A sério acha que a primavera chega assim, num dia exato? Neste caso, no dia 21 de março.

Um – Pois acho que sim... Não?

Dois – Então, se for dia 20, ainda é inverno, e se for dia 22, já é primavera.

Um – Não sei... Não sei que dia é hoje.

Dois – Eu também não.

Um – Bom...

Dois – Está bom tempo hoje, não está?

Um – Sim... Está um dia... primaveril.

Dois – Olhe para estas flores... não esperaram para saber se é dia 20 ou 21 para florir.

Um – É verdade.

Dois – Então, digamos que já é primavera.

Um – De acordo...

Dois – Uma andorinha não faz a primavera, mas a partir de duas, já há alguma razão para ter esperança.

Negro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-257-9

Documento para download gratuito